

Alexandre Herculano, Gonçalves Dias e a teoria da história

*Wilton José Marques**

RESUMO: O presente artigo apresenta alguns aspectos das relações literárias entre Alexandre Herculano e Gonçalves Dias. Tais aspectos são discutidos, sobretudo, em função da influência do texto panfletário *A voz do profeta* (1836), de Herculano, sobre *Meditação* (1850), de Dias. Nesta obra inconclusa, além de dialogar textualmente com *A voz do profeta*, o poeta brasileiro também faz uso da teoria da história do autor português.

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre Herculano, *A voz do profeta*, Gonçalves Dias, *Meditação*, teoria da história.

ABSTRACT: This article presents some aspects of the literary relations between Alexandre Herculano and Gonçalves Dias. These aspects are discussed, especially in light of the influence of the pamphleteer text *A voz do profeta* (1836), by Herculano, about *Meditação* (1850), by Dias. In this unfinished work, besides establishing a textual dialogue with *A voz do profeta*, the Brazilian poet also makes use of the theory of History from the Portuguese author.

KEYWORDS: Alexandre Herculano, *A voz do profeta*, Gonçalves Dias, *Meditação*, theory of history.

A missão do vate

No Brasil romântico, a principal missão de seus primeiros autores, notadamente os que cresceram à sombra programática de Gonçalves de Magalhães, foi a de configurar os elementos temáticos necessários à definição da imagem e do discurso formador da nacionalidade brasileira. Dessa forma, nos anos subsequentes ao da independência política, e ainda escorada na retomada de um desejado

* Professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/Araraquara). Este artigo é parte integrante da pesquisa *Gonçalves Dias: o poeta na contramão (literatura & escravidão no romantismo brasileiro)*, financiada pela Fapesp.

nexo histórico, cuja função primordial era a de legitimar o novo *status* do país, a literatura romântica exerceu um papel fundamental no duplo processo de construção e disseminação da ideia de nação entre os próprios brasileiros. Nesse sentido, não se pode deixar de reconhecer que o aparecimento literário de Gonçalves Dias, sobretudo pela imediata ressonância pública de seus “poemas americanos”, foi igualmente fundamental para o efetivo delineamento de um “nacionalismo propriamente literário” no Brasil. Entretanto, não custa ressaltar, a produção literária gonçalvina não se restringiu apenas à vertente indianista, ela também dialogou com outros temas inerentes à estética romântica, tais como o amor, a relação com a natureza, a religiosidade etc. Em sua obra, o poeta maranhense conseguiu encontrar algumas brechas que lhe permitiram expressar em outros textos, para talvez até melhor compreender o país, as várias e inerentes contradições que, desde sempre, permearam o cerne das relações de poder na sociedade oitocentista brasileira, incluindo-se aí o espinhoso problema da escravidão.

Primeiro autor brasileiro que, sem nenhum tipo de hesitação, pode ser reconhecido como essencialmente romântico, e, nesse sentido, dotado de uma sensibilidade que o caracteriza como “gênio”, isto é, aquele que, como verdadeiro vate e profeta, acredita ser o portador “de verdades ou sentimentos superiores aos dos outros homens” e, por isso mesmo, acredita ser “a nítida representação de um destino superior, regido por uma vocação superior” (Candido, 1981, p. 27), Gonçalves Dias não somente assumiu para si a crença de que sua obra era revestida de um caráter de missão estético-social, como se sentiu igualmente responsável para com os destinos do país. Para o poeta, contribuir literariamente para a consolidação do projeto civilizatório brasileiro, alçado de imediato à condição de principal bandeira de luta do movimento romântico local, passava também pelo entendimento e pela consequente expressão das várias contradições sociais, o que, de algu-

ma forma, já representava um primeiro passo para transformá-las.

Em outras palavras, pode-se afirmar que havia por parte do poeta um forte desejo de fazer com que sua obra literária, ecoando até mesmo certos padrões morais de conduta, se tornasse um exemplo importante de intervenção social. Tal desejo se aplica, sobretudo, à *Meditação*. Nesta obra, como bem observou Antonio Candido, o poeta esboça uma larga visão poética do país, retratando:

as suas raças, os escravos, os índios à margem do progresso, a iniquidade da vida política, as dificuldades de acertar – abrindo uma perspectiva otimista com o apelo ao patriotismo, chamado a cumular as lacunas da civilização e compensar, tanto as falhas dos governos quanto a indisciplina dos costumes públicos (Candido, 1981, p. 52).

Contrariando uma possível atitude passiva, num momento em que o silêncio de resignação diante das mazelas sociais do país talvez fosse a opção mais fácil entre os literatos, que, em sua grande maioria, também eram funcionários públicos, Gonçalves Dias, então professor de latim e de história do Brasil no Imperial Colégio Pedro II, não apenas insistiu em tornar pública essa obra de juventude, que, apesar de inacabada, cristalizava sua visão crítica sobre o país, como também escolheu um periódico emblemático para a consolidação do romantismo brasileiro, isto é, a revista *Guanabara* (1849-1856).

Publicada ao longo de 1850, essa obra inacabada de Gonçalves Dias foi provavelmente inspirada tanto em *A voz do profeta* (1836), de Alexandre Herculano, quanto em *As palavras de um crente* (1834), de Lammenais. Aqui, no entanto, a despeito da influência do padre francês, a preocupação maior será a de rastrear alguns aspectos das relações literárias entre Herculano e Gonçalves Dias e, por tabela, mostrar que, em *Meditação*, o poeta maranhense também lançou mão do conceito de teoria de história de Herculano.

Alexandre Herculano & Gonçalves Dias

A história das relações literárias entre Alexandre Herculano e Gonçalves Dias é demarcada, sobretudo, pelo aparecimento, em novembro de 1847, do artigo “O futuro literário de Portugal e do Brasil”, em que o autor português, por ocasião da leitura do livro de estreia do jovem poeta brasileiro, tece algumas considerações sobre as futuras possibilidades literárias da ex-colônia e da ex-metrópole.¹ Originalmente, o texto foi publicado na *Revista Universal Lisbonense* (1841-1853), semanário fundado e dirigido inicialmente por Antonio Feliciano de Castilho e considerado um dos mais influentes periódicos de divulgação do romantismo em Portugal.

O artigo de Alexandre Herculano inicia-se com uma longa digressão comparativa entre os dois países. Para ele, o Brasil, destinado pela novidade de seu *status* de recém-liberto, e notadamente influenciado pelo “favor da natureza” a representar um grande papel na história do novo mundo, “é a nação infante que sorri”; ao passo que, ao contrário, Portugal é o “velho aborrido e triste, que se volta dolorosamente no seu leito de decrepidez”.² Para o romântico português, sempre pessimista em relação aos destinos de seu país, “estas amarguradas cogitações surgiram[-lhe] na alma com a leitura de um livro impresso o ano passado no Rio de Janeiro, e intitulado: *Primeiros cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias*”:

Naquele país de esperanças, cheio de viço e de vida, há um ruído de lavor íntimo, que soa tristemente cá, nesta terra onde tudo se acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilização, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das letras; arroteia os campos da inteligência; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra num foco todos os raios vivificantes do formoso céu, que alumia; prova forças enfim para algum dia renovar pelas idéias a sociedade [...].

¹ Conta Antonio Henriques Leal que os *Primeiros cantos* foram parar nas mãos de Alexandre Herculano por meio de seu irmão, o Sr. Ricardo Henriques Leal, que então se achava em Lisboa. Foi o próprio Ricardo que, desejoso de saber a opinião de Herculano, encaminhou o volume de poemas ao livreiro Sr. Bertrand para que este mostrasse ao grande escritor português. “O livreiro – escreve Henriques Leal – assim o fez, e passados dias declarou-lhe o exímio literato transportado de entusiasmo que se lhe não daria de ficar com aquele excelente livro que lhe proporcionara horas tão aprazíveis, e dentro em pouco apareceu na página 5 do tomo VII da *Revista Universal Lisbonense* de 1847 este artigo tão animador e benévolo” (Leal, 1875, p. 84).

² Herculano nutria grandes expectativas em relação ao futuro do Brasil, tanto que, dez anos antes do texto sobre o livro de Gonçalves Dias, ele afirmou num artigo, “O Brasil”, publicado em *O Panorama*, em 30 de dezembro de 1837, que “o Brasil é uma terra de esperanças. [...] À sombra de boas leis, e se alcançar a tranqüilidade interior, aquele império crescerá cada vez mais em navegação e indústria; assim o horizonte do seu futuro brilhante não é difícil de compreender” (Herculano, 1980, p. 173-174).

[O Brasil] É um mancebo vigoroso que derriba um velho caquético, demente e paralítico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações.

Os *Primeiros cantos* são um belo livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio pode abençoar mais um ilustre filho.

O autor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escritor ainda pouco amestrado pela experiência: imperfeições de língua, de metrificacão, de estilo. Que importa! O tempo apagará essas máculas e ficarão as nobres inspirações estampadas nas páginas desse formoso livro (Herculano *apud* Dias, 1944, p. 8-14).

Como se sabe, as palavras sinceras de Alexandre Herculano foram fundamentais tanto para a afirmação do projeto poético gonçalvino quanto para a própria consagração de Gonçalves Dias na literatura brasileira. Nesse sentido, quando da reunião de seus três livros de poesia em um único volume batizado de *Cantos*, em 1857, o poeta maranhense passou a reproduzir o artigo de Herculano na forma de prólogo. No texto que antecede a reprodução do artigo, expressando sua gratidão, ele afirma que:

[...] merecer a crítica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meu primeiro livro, rubricada com seu nome, desejava-o de certo; mas esperá-lo, seria de minha parte demasiada vaidade. [...] [O] ilustre escritor pôs por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para consigo mesmo – e, benevolamente indulgente, dirigiu-me algumas linhas, que me fizeram compreender quão alto eu reputava a sua glória, na plenitude do contentamento, de que suas palavras me deixaram possuído (Dias, 1944, p. 7-8).

Antes de tecer apenas elogios, que evidentemente muito lisonjearam o poeta maranhense, o escritor português também se preocupou em fazer uma ressalva em relação aos *Primeiros cantos*. Na verdade, ele reclama um maior

espaço no livro para as “Poesias americanas”.³ Para Herculano, como existia “nos poetas transatlânticos [...] por via de regra demasiadas reminiscências da Europa”, Gonçalves Dias deveria ter se ocupado mais com a temática nacional, já que os poemas americanos funcionavam, para o crítico, como uma espécie de verdadeiro “pórtico do livro” (Herculano *apud* Dias, 1944, p. 13). Semelhante a outra observação feita anteriormente por Almeida Garrett que reclamava de falta de cor local na produção literária dos árcades brasileiros,⁴ Herculano remata sua opinião observando, como outro sincero conselho de mestre preocupado em indicar o melhor caminho para o aprendiz, que “esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que cresceram à sombra das suas selvas primitivas” (Herculano *apud* Dias, 1944, p. 13).

A despeito das futuras consequências que esse artigo terá sobre o desenvolvimento da obra literária de Gonçalves Dias, deve-se, no entanto, atentar aqui que a influência do autor português vinha de longe, relacionando-se com o processo de formação intelectual do poeta brasileiro, notadamente no período em que este cursou Direito na Universidade de Coimbra (1840-1844). Aliás, em 1857, no já referido texto que antecede o artigo de Herculano em *Cantos*, Gonçalves Dias reconhece tal influência, afirmando com igual sinceridade que: “o escritor [Herculano] conhecia-o eu há muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito” (Dias, 1944, p. 7).

Herculano e *A voz do profeta*

Em novembro de 1836, aos vinte e seis anos, Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo aparece propriamente para a literatura portuguesa por meio da publicação da primeira série de textos de um panfleto, de nítido teor po-

³ Os *Primeiros cantos*, da mesma forma que os demais livros de poemas publicados por Gonçalves Dias, são divididos em três partes: Poesias americanas, Poesias diversas e Hinos. Na primeira edição do livro, em 1847, apenas cinco poemas apareciam sob o nome de Poesias americanas: “Canção do exílio”, “O canto do guerreiro”, “O canto do Piaga”, “O canto do índio” e o “Morro do Alecrim”. Quando da publicação de *Cantos* (1857), Gonçalves Dias reescreveu o poema “Morro do Alecrim”, dividindo-o em dois: “Deprecação” e “Caxias”.

⁴ Em 1826, Almeida Garrett, ao comentar sobre a produção literária dos árcades brasileiros, no capítulo “Restauração das letras, em Portugal e no Brasil, em meados do século XVIII” do ensaio *Bosquejo da história da poesia e língua Portuguesa*, que serviu de abertura à coletânea de poemas conhecida como *Parnaso lusitano*, queixa-se que “as majestosas e novas cenas da natureza” deveriam ter dado aos nossos poetas “mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo”. Para o escritor português, “o espírito nacional” parece estar tolhido pela “educação européia” e que por isso os poetas “receiam de se mostrar americanos” (Garrett *apud* César, 1978, p. 87-92).

lítico, que ficou conhecido como *A voz do profeta*. Em fevereiro do ano seguinte, sairia a segunda série, juntamente com uma nova edição da primeira. Além dessas republicações em Portugal, é importante salientar ainda que nesse mesmo ano também foi publicada no Brasil uma outra edição de *A voz do profeta*. De imediato, pode-se conjecturar que as sucessivas edições do livro em tão curto espaço de tempo indicam o grande potencial de impacto desse texto panfletário. Além de discutido nos meios literários e políticos locais, inclusive tornando seu autor, nas palavras de um crítico português, “conhecido de um dia para outro” (França, 1993, p. 127), essa obra de Herculano tem sua gênese explicada pelo atropelo dos acontecimentos históricos em Portugal causado principalmente pela cisão política entre os liberais no período imediatamente posterior ao término da Guerra-Civil, em 1834, e que culminou, em 1836, com a chamada Revolução de Setembro. Liberal conservador e, acima de tudo, cartista, Alexandre Herculano opunha-se à ideia do sufrágio universal, defendendo que o efetivo poder político deveria ser exercido predominantemente por uma aristocracia recrutada na nova burguesia rural. Dessa maneira, descontente com a ação política dos setembristas, Herculano, além de, como forma de protesto, demitir-se da direção da Biblioteca Pública do Porto, cargo que ocupava desde o final da Guerra Civil, escreveu e publicou, no calor dos próprios acontecimentos, *A voz do profeta*, que, por sua feita, transformou-se na sua resposta literária e pública à Revolução de Setembro.

Em *A voz do profeta*, como o nome já o antecipa, e num tom severo que dialoga com o tom de seus poemas, nos quais, inclusive, já aparece, como marca recorrente, uma solenidade de profeta bíblico,⁵ Herculano adota uma postura, inerente ao gênio romântico, que, transcendendo a sua mera condição de indivíduo, comporta-se antes como a Voz, o Guia, enfim, o Profeta. De modo geral, e mais do que nunca, acreditando não somente numa utilidade social para a sua literatura como também no seu poder de intervenção histórica, o texto de Herculano, para quem o

⁵ Para Saraiva e Lopes, já em sua mais antiga composição poética, “Semana santa”, datada de 1829, Herculano, dando vida a esse tom profético, enaltece os ideais cristãos e liberais (“Creio que Deus é Deus e os homens livres!”) e, ao mesmo tempo, credita o assassinato de Cristo aos “tiranos e hipócritas” e às “turbas envilecidas, bárbaras, e sevas” (Saraiva; Lopes, 1989, p. 770).

abandono da Carta Constitucional contrariava todos os princípios pelos quais ele tinha lutado, direciona-se tanto contra os excessos de violência cometidos pela “ralé popular”, a quem chama de “fezes da sociedade”, quanto contra os malditos dirigentes setembristas que “acenderam o vulcão popular”.

Gonçalves Dias e a *Meditação*

Apesar de ter sido publicado apenas ao longo do primeiro semestre de 1850, na revista *Guanabara*, quando Gonçalves Dias já era um autor consagrado e plenamente reconhecido nas letras nacionais, é importante não perder de vista que o fragmento de *Meditação* é, antes de qualquer coisa, uma obra de juventude. Em função disso, é possível não apenas constatar que se, por um lado, nesse primeiro estágio a obra literária é muito mais infensa a influências estéticas, por outro, também já apresenta algumas de suas principais matrizes temáticas, incluindo-se o indianismo. Concomitante à feitura dos últimos poemas que entrariam nos *Primeiros cantos*, essa obra singular foi escrita entre os anos de 1845 e 1846.

De modo geral, os três capítulos que compõem o texto articulam-se em torno de um diálogo travado entre um jovem e um velho sobre as possibilidades futuras de um país que, pela leitura do texto, infere-se obviamente ser o Brasil. Dentro do texto, a personagem do jovem ainda ocupa a posição central de narrador. Por sua vez, o velho, além de representar em si a voz da experiência, é dotado de um caráter quase divino, pois, com a simples intervenção do toque mágico de suas mãos sobre os olhos do rapaz, permite a este viajar pelo novo país. E tal viagem adquire um caráter peculiar, uma vez que ela não se realiza apenas do ponto de vista espacial, mas, sobretudo, do ponto de vista temporal. Em outras palavras, a ação do ancião faz com que o jovem possa ter acesso tanto ao presente quanto aos outros e diversos tempos históricos do Brasil. Por conta do

ir e vir, o jovem, ao se defrontar com esses vários tempos e, por conseguinte, ao narrá-los, acaba assumindo uma postura semelhante à de um profeta que medeia (revelando) as relações entre os homens e os mistérios de Deus, inacessíveis a esses mesmos homens. Pensado dentro dessa perspectiva, ao imitar a postura de guia e profeta inerente ao gênio romântico, o comportamento do jovem narrador de *Meditação* reflete de certo modo tanto a postura quanto o desejo do próprio Gonçalves Dias de também interferir, ao menos literariamente, no processo de formação da sociedade brasileira, cuja ascensão à civilidade, para ele, passava igualmente pelo fim do trabalho escravo.

Diálogo textual

No primeiro capítulo de *Meditação*, composto por seis partes, o grande problema que evidentemente salta aos olhos é, sem sombra de dúvidas, o da escravidão. Na primeira visão do jovem profeta sobre o Brasil, o problema apresenta-se a partir da constatação de que a sociedade brasileira assentava-se e, por conseguinte, dependia sobremaneira do trabalho escravo. Nesse sentido, tal condição, entranhada na estrutura socioeconômica do país, tornava-se o maior empecilho, que obviamente deveria ser transposto, para que o país, enfim, pudesse alçar-se a um novo e desejado *status* de civilidade.

Ao longo desse capítulo e entre outros argumentos, a crítica à escravidão é feita em função do “grande medo” de uma possível revolta dos escravos. Para o velho, se suas duras palavras sobre a escravidão não surtirem efeito sobre os brasileiros, talvez um acontecimento doloroso possa, na prática, levá-los à reflexão. Desse modo, as amargas lições da experiência, não apreendidas em tempos de relativa calma, poderiam, no entanto, ser apreendidas agora por meio do risco eminente de uma possível e traumática ruptura social. É nessa direção que, na última parte do pri-

meiro capítulo, o pensamento do jovem profeta é subitamente tomado por uma terrível visão:

[...] os meus olhos seguiam um objeto – horrível como o talvez de um grande infortúnio.

Como Laocoonte, sofrendo terríveis agonias, concentrava todas as suas forças para espedaçar os anéis vigorosos da serpente que o enlaçava.

Como no meio de uma habitação que arde, o homem louco e delirante agarra-se às traves em brasa meio consumidas pelo incêndio, e não sente a dor do fogo, que lhe rói a carne dos membros.

Os homens que sofriam reuniram-se como um só homem, e soltaram um grito – horrísono, como seria o desabar dos mundos.

E pareceu-me que eles se transformavam em unidade como um colosso enorme e válido, cuja fronte se perdia nas nuvens, e cujos pés se enterravam em uma sepultura imensa e profunda como um abismo.

E o colosso tinha as feições horrivelmente contraídas pela raiva, e com os braços erguidos tentava descarregar às mãos ambas um golpe que seria de extermínio.

E a vítima era um povo inteiro; eram os filhos de uma numerosa família, levados ao sacrifício por seus pais, como Abraão levou a Isaac, seu filho.

E como Isaac, as vítimas deste sacrifício cruento tinham cortado a lenha para a sua fogueira, e adormeceram sobre ela, sonhando um festim suntuoso.

E como Isaac também, eles acordaram com as espadas sobre as suas cabeças, e o seu despertar foi terrível, porque somente Deus os poderia salvar.

E um calafrio de terror percorreu a medula dos meus ossos, e o meu sangue parou nas minhas veias, e o meu coração cessou de bater.

E o ancião que tudo sabia, compreendeu o meu sofrimento, e tirou a mão de sobre as minhas pálpebras, e os meus olhos se abriram de novo.

E um manto de trevas impenetráveis se desenrolou subitamente diante dos meus olhos, como diante dos olhos de Tobias, quando o Senhor quis provar a sua virtude.

E eu senti que a vida fugia dos meus sentidos, e caí de face contra a terra com a inércia de um corpo sem vida (Dias, 1850, p. 107).

Nessa passagem, a imagem poética diz tudo. Gonçalves Dias, ao frisar no seu texto que “os homens que sofriam reuniram-se como um só homem, e soltaram um grito – horrísono, como seria o desabar dos mundos”, refere-se metaforicamente ao grande medo que, desde fins do século anterior, povoava o imaginário das elites brasileiras oitocentistas, isto é, a possível repetição no Brasil de uma revolta de negros nos mesmos moldes da que acontecera em São Domingos, atual Haiti. Segundo Célia de Azevedo, o início do século XIX trouxe pelo menos dois grandes acontecimentos que, por sua vez, tiveram grande influência no arraigado modo de vida escravista local. De um lado, o movimento emancipacionista, que, ancorado inicialmente nas ideias da ilustração, foi posteriormente fortalecido pela adesão da Inglaterra, que iniciou, inclusive sobre o Brasil, as pressões para coibir o tráfico de escravos africanos para a América; e, de outro, o grande medo suscitado pelo sucesso da sangrenta revolução de São Domingos. Sobre esta, a historiadora afirma:

[...] os negros não só haviam se rebelado contra a escravidão na última década do século XVIII e proclamado sua independência em 1804, como também – sob a direção de Toussaint L'Ouverture – colocavam em prática os grandes princípios da Revolução Francesa, o que acarretou transtornos fatais para muitos senhores de escravos, suas famílias e propriedades (Azevedo, 1987, p. 35).

De maneira mais do que explícita, a alusão no texto à revolta do Haiti é construída metaforicamente por meio da súbita transformação dos “homens que sofriam” num imenso gigante, cujas feições estavam “horripelmente contraídas de raiva”, e que, movido por uma força irracional, “tentava descarregar às mãos ambas um golpe que seria de extermínio”. Nessa visão apocalíptica, “a vítima era o povo

inteiro”, que, a exemplo do Isaac bíblico, seria conduzido, sem nenhuma suspeita, ao seu próprio sacrifício. Nesse sentido, fazendo o papel de Abraão, a elite brasileira, sem, é claro, os motivos religiosos que norteavam as ações do patriarca bíblico, e ao insistir na manutenção da escravidão e no conseqüente e reinante estado de tensão social, seria a responsável, em primeira e última instâncias, pela própria destruição do país e de seu povo. Portanto, tal manutenção suscitava um iminente risco a todos os brasileiros. Nesse sentido, e lembrado a todo momento, o exemplo do Haiti apresentava-se aos olhos de todos como um perigo constante, como um grande medo, quase sempre prestes a explodir. Se, no caso de *Meditação*, a terrível conseqüência do grande golpe, que poderia ser desferido pelos “homens que sofriam”, é suspensa pela ação providencial do velho, que, compreendendo o sofrimento causado pela visão no jovem, faz com que ele abra novamente os olhos, no caso da realidade brasileira, a manutenção da escravidão implicava a convivência forçada e cotidiana com a possibilidade de, a qualquer momento, esse fantasma tornar-se real.

Expresso por Gonçalves Dias, o medo latente das elites brasileiras das chamadas “classes perigosas”, que naquele momento restringia-se notadamente aos escravos, não era um medo restrito apenas ao Brasil. Alexandre Herculano, na sua *A voz do profeta*, também escreve um capítulo emblemático, que, pela evidente similitude com essa última passagem de *Meditação*, bem poderia ter servido de exemplo a Gonçalves Dias. Como já se mostrou anteriormente, para Herculano, as “classes perigosas” eram as chamadas “ralés populares”, que, por sua vez, seriam nada mais que as “fezes da sociedade”. No capítulo XIII de sua obra, Herculano revela uma visão de futuro em que “os magotes” dos campos e das cidades transformam-se, cada um, numa única e grande turma, que, convertida numa “besta-fera”, assemelhada a um tigre, lança por toda parte gritos de extermínio:

Eu vi uma visão do futuro, e o Senhor me disse: vai e revela-a na terra.

Como em panorama imenso, um reino inteiro estava diante dos meus olhos.

E nas duas cidades mais populosas dele homens de má castidade começavam de aglomerar-se nas praças e a trasbordar pelas ruas.

E nos campos e nas aldeias outros homens com aspecto de réprobos começavam também a apinhar-se nos passos das serras, nas assomadas das montanhas e nas clareiras das florestas.

E tanto nas faces dos filhos dos campos, como nas dos habitantes das cidades adivinhava-se o grito de extermínio que bramava no fundo dos corações.

Os magotes de serranos fundiram-se n'uma só turma; e o mesmo sucedeu aos das cidades.

E cada uma das turmas se converteu em uma besta-fera, que se assemelhava ao tigre.

Agigantada era a sua estatura, e na frente de uma lia-se: "fanatismo"; e na da outra: "desenfreamento".

Com os olhos tintos em fel e sangue, correram então os dois monstros um para o outro, ergueram-se em pé e estenderam as garras.

No mesmo instante abriram-se os céus: dous grandes cutelos afiados e dois fachos encendidos caíram junto das alimárias ferozes.

E nas lâminas dos cutelos estavam escritas com letras de fogo as palavras seguintes: "maldição de Deus".

E cada uma das alimárias segurou com a esquerda um dos fachos, e com a direita um dos cutelos.

A das cidades arrojou o seu facho sobre os campos, e os campos ficaram em um momento áridos e ermos.

E a outra sacudiu o seu sobre as duas cidades, e súbito no lugar onde elas foram estavam dois montões de ruínas.

Depois, combatendo por largo tempo e atassalhadas de golpes, caíram e renderam os espíritos.

Então as lágrimas me ofuscaram os olhos; porque bem entendia o que significava a visão.

Mas enxugando-os, tornei a lançá-los para o lugar da peleja.

E vi uma solidão sáfara e negra, sobre a qual a perder de vista para todos os lados alvejavam milhares de ossadas.

E em cima dellas estavam assentados dous espectros gigantes. Chamavam-se Assolação e Silêncio (Herculano, 1993, p. 48-50).

Perceptível, a imagem literária dos dois textos é muito semelhante; de um lado, “a ralé popular”, tanto do campo quanto da cidade, transforma-se numa “besta-fera”, lançando por toda parte “gritos de extermínios”; por outro, “os homens que sofriam”, do texto de Gonçalves Dias, reuniram-se como um só homem (um enorme colosso), lançando um grito horrísono como seria o desabar dos mundos. De qualquer forma, e a despeito de seus intuitos diferentes, tanto a idêntica postura de profetas quanto a similitude entre os dois fragmentos sugerem mesmo a possibilidade de o texto do escritor português ter servido de exemplo ao brasileiro, reforçando, dessa forma, o evidente diálogo entre ambos.

A teoria da história

Além desse evidente diálogo textual, Gonçalves Dias também se apoia na teoria de ciclos históricos de Herculano. No terceiro e último capítulo de *Meditação*, e ainda pressupondo uma evidente e providencial intervenção divina do velho, o espírito do jovem narrador é transportado ao início dos tempos locais. A partir daí e aos poucos, e sem nunca perder de vista o referencial de comparação com “a triste experiência do presente”, ele revelará ao leitor alguns aspectos da história do Brasil. De saída, assumindo-se como um “viajor que vai empreender longa viagem”, cujo espírito, confundindo o presente com o passado, assistiu “com prazer inefável ao espetáculo das eras transactas”, o jovem observa que encontrou “nas cenas da natureza e da sociedade em seu começo quadros belíssimos

de poesia e lições de moral sublime, que são como inerentes à natureza humana” (Dias, 1850, p. 171). Em outras palavras, ao transitar por diferentes tempos históricos e dentro dos próprios preceitos românticos que caracterizam o sujeito poético como um vate, o narrador adota uma postura semelhante à de um profeta bíblico, uma vez que também lhe será concedido o privilégio de ter acesso a realidades que teoricamente são inacessíveis aos homens comuns.

No seguinte fragmento, e num tom ainda pessimista, o jovem narrador arremata sua visão histórica sobre a colonização brasileira, destacando em chave negativa que, apesar de aplaudida pela “Europa inteligente”, a “nação marítima e guerreira” fundava “um novo império em novo mundo” em bases espúrias, pois assentavam-se antes no vício do “cancro da escravatura” e no “amor ao ouro” do que propriamente “no amor do trabalho”:

E a Europa inteligente aplaudiu a nação marítima e guerreira que através do oceano fundava um novo império em mundo novo, viciando-lhe o princípio como o cancro da escravatura, e transmitindo-lhe o amor do ouro sem o amor do trabalho.

E os valentes soltaram o grito da vitória, e em lembrança dela quiseram assentar uma cruz no solo por eles conquistado.

E no chão que eles cavavam para o assento da cruz encontraram uma veia de ouro, que os distraiu do seu trabalho. E a cruz ficou por terra enquanto eles espalhavam prodigamente o azougue fugitivo para descobrir o depósito do metal precioso.

E viu Deus que a nação conquistadora se tinha pervertido, e marcou-lhe o último período da sua grandeza.

E deu-lhe uma longa série de anos para que ela lastimasse a sua decadência, e conhecesse a justiça inexorável do Todo-Poderoso.

Ela tornar-se-ia fraca, porque tinha escravizado o fraco; incrédula, porque tinha abusado da religião; e pobre, porque sobremaneira tinha cobiçado a riqueza.

E todas as nações do mundo passariam diante dela, comparando a sua grandeza d'outros tempos com a miséria de então.

E ela tornar-se-ia o opróbrio das gentes de maravilha que tinha sido (Dias, 1850, p. 174).

Além de criticar o “cancro da escravidão” e a ausência do amor ao trabalho como impeditivos futuros ao desenvolvimento do Brasil, o jovem narrador, por meio da imagem literária do abandono da cruz, reitera o real interesse da exploração. Num jogo de aparência e essência, o narrador observa que do mesmo chão, escavado pelos portugueses para a fixação da cruz, brota um veio de ouro que “os distraiu do seu trabalho”. Desse modo, diante da possibilidade imediata da riqueza, a preocupação religiosa é relegada a um providencial segundo plano, já que a “cruz ficou por terra” e, prontamente, a cobiça é elevada à razão primeira que não somente legitima a dizimação e escravização dos indígenas como também passa a justificar a expropriação das riquezas do novo mundo. Em função do abandono da religiosidade e, nesse sentido, comportando-se aqui como verdadeiro profeta bíblico, o narrador revela que foi a inexorável vontade de Deus que condenou Portugal, a nação conquistadora que tinha se pervertido, a uma “longa série de anos para que ela lastimasse a sua decadência”. Ou seja, por ter “escravizado o fraco”, “abusado da religião” e apenas “cobiçado a riqueza”, a ira divina condena a nação lusa a se tornar “o opróbrio das gentes de maravilha que tinha sido”.

A condenação tácita de Portugal a um longo período de decadência, ligado ao momento histórico dos descobrimentos e mais especificamente ao contexto da montagem do sistema colonial brasileiro, dialoga diretamente com a visão de ciclos históricos que permeia as posições teóricas de Alexandre Herculano na escrita de sua *História de Portugal*, cujo primeiro volume saiu em 1846. Novamente, aparece aqui mais uma possível influência do escritor português sobre o poeta brasileiro. Inicialmente, o conceito de

ciclos históricos foi desenvolvido numa série de cinco textos (*Cartas sobre a história de Portugal*) publicados na *Revista Universal Lisbonense*, de 7 de abril a 3 de novembro de 1842. Na quinta carta, Herculano afirma que:

[...] em dois grandes ciclos me parece dividir-se naturalmente a história portuguesa, cada um dos quais abrange umas poucas fases sociais, ou épocas: o primeiro é aquele em que a nação se constitui; o segundo, o da sua rápida decadência: o primeiro é o da Idade Média; o segundo, o do Renascimento (Herculano *apud* Catroga, 1998, p. 93).

Dito de outro modo, agora segundo a interpretação do historiador Fernando Catroga, para Herculano, o Renascimento representava o começo da decadência pátria, uma vez que foi o responsável direto pelo início do processo que conduziu ao império da unidade e do centralismo.

E este levou ao estabelecimento da monarquia absoluta sobre as ruínas da “monarquia liberal” da Idade Média, por que os Descobrimentos e as conquistas acabaram por mudar a índole da nação, transformando-a, de guerreira em mercadora, de municipal em cortesã (Catroga, 1998, p. 93-94).

Ou ainda, nas palavras do próprio Herculano, “adquirimos um largo patrimônio para dividir com as outras nações: reservamos para nós a fraqueza interior, consequência de esforços mui superiores aos nossos recursos para remotas conquistas; reservamos para nós a corrupção moral e a decadência material” (Herculano *apud* Catroga, 1998, p. 94). Assim, arremata Catroga, ao responsabilizar a centralização política, a aventura colonial e o centralismo católico e inquisitorial como causas primordiais da decadência lusa, Herculano “fixou uma das interpretações mais controversas sobre a história de Portugal que, daí para frente, será um ponto de referência obrigatória em todas as interrogações sobre o nosso destino” (Catroga, 1998, p. 94).

Em suma, pelo menos no que tange à *Meditação*, pode-se dizer que, ao explicitar tal “referência obrigatória”, Gonçalves Dias seguiu de perto a lição do mestre português.

Referências

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda negra, medo branco; o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CATROGA, Fernando. Alexandre Herculano e o historicismo romântico. In: CATROGA, Fernando; MENDES, José Maria Amado; TORRAL, Luís Reis (Orgs.). *História da História de Portugal (sécs. XIX e XX)*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998. p. 45-98.

DIAS, Antonio Gonçalves. Meditação. *Guanabara, revista mensal, artística, científica e literária*, Rio de Janeiro, Tomo I, p. 102-107, 125-134, 171-177, 1850.

_____. *Obras poéticas de Gonçalves Dias*. São Paulo: Nacional, 1944.

GARRETT, Almeida. Restauração das letras, em Portugal e Brasil, em meados do século XVIII. In: CÉSAR, Guilhermino (Org.). *Historiadores e críticos do romantismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC/Edusp, 1978. p. 87-92.

FRANÇA, José Augusto. *O romantismo em Portugal (estudo dos fatos socioculturais)*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

HERCULANO, Alexandre. *A voz do profeta*. 1ª série. Ferrol: Imprensa de Ezpeleta, 1836.

_____. *A voz do profeta*. 2ª Série. Lisboa: Tipografia Patriótica de Carlos José da Silva & Companhia, 1837.

_____. *A voz do profeta*. 2. ed. Porto: Imprensa de Álvares Ribeiro, 1837.

_____. *A voz do profeta*. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cia., 1837.

_____. *A voz do profeta*. In: _____. *Opúsculos*. Lisboa: Livraria Bertrand, T. I, 1993.

_____. O Brasil. In: BEIRANTE, Cândido; CUSTÓDIO, Jorge (Orgs.). *Alexandre Herculano: um homem e uma ideologia na construção de Portugal*. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980. p. 173-174.

LEAL, Antonio Henriques. *Antonio Gonçalves Dias – Notícia da sua vida e obras*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 15. ed. Porto: Porto, 1989.

SILVA, Inocêncio Francisco. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

